

A Vitória franquista para além de Stalin: A Política de não intervenção anglo-francesa como fator decisivo na Guerra Civil Espanhola (1936-1939)

The Francoist victory beyond Stalin: Anglo-French non-intervention as the decisive factor in the Spanish Civil War (1936–1939)

Eduardo Klinger Belchior Félix Júnior

Bacharel em Filosofia

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

eduardoklinger97@gmail.com

Recebido: 19/01/2026

Aprovado: 19/05/2026

Resumo: Empreende-se uma análise crítica das causas determinantes para a vitória franquista na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), contestando a narrativa historiográfica, defendida por Leon Trotsky, que atribui a derrota republicana essencialmente à política centralizadora e supostamente contrarrevolucionária de Josef Stalin. A investigação estrutura-se em dois eixos: no plano internacional, serão analisados o impacto estratégico da política de não intervenção anglo-francesa e o apoio militar fornecido pela Alemanha, Itália e Portugal, aqui referidos como a "tríade autoritária". No plano interno, serão examinados os efeitos debilitantes das divisões ideológicas e operacionais da Frente Popular e das Brigadas Internacionais. O objetivo final é oferecer uma ponderação desses fatores, argumentando que a vitória franquista resultou menos de uma suposta traição stalinista e mais de uma confluência complexa onde a neutralidade das potências liberais e o apoio ativo das potências autoritárias foram elementos decisivos.

Palavras chave: Francisco Franco; Guerra civil espanhola; Josef Stalin;

Abstract: This study undertakes a critical analysis of the determining causes for the Francoist victory in the Spanish Civil War (1936-1939), challenging the historiographical narrative, championed by Leon Trotsky, that attributes the Republican defeat essentially to the centralizing and supposedly counter-revolutionary policy of Josef Stalin. The investigation is structured on two axes: on the international level, it analyzes the strategic impact of the Anglo-French non-intervention policy and the military support provided by Germany, Italy, and Portugal, referred to here as the "authoritarian triad." On the internal level, it examines the debilitating effects of the ideological and operational divisions within the Popular Front and of the International Brigades. The final objective is to offer a balanced assessment of these factors, arguing that the Francoist victory resulted less from an alleged Stalinist betrayal and more from a complex confluence in which the neutrality of the liberal powers and the active support of the authoritarian powers were decisive elements.

Keywords: Francisco Franco; Spanish civil war; Josef Stalin;

As crises espanholas do século XIX e início do XX

O Grande Império Espanhol, que em seu apogeu dominou cerca de 20% da superfície terrestre, foi desmanchado ao longo do século XIX. Dominada por Napoleão Bonaparte entre 1808 a 1814 suas principais colônias na América do Sul se tornaram independentes entre 1810 a 1825¹, o Reino da Guatemala² e o México, fizeram o mesmo em 1821, e a guerra hispano-americana em 1898³ lhe custou mais territórios de extrema importância, inclusive na região da Micronésia⁴, restando apenas as colônias africanas⁵.

Internamente, a monarquia atravessava uma crise de sucessão que culminou nas Guerras Carlistas⁶, e a insatisfação popular com a coroa crescia. No início do século XX, eclodiu a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e, em 1918, a pandemia da gripe espanhola assolou o país. Como a Espanha não pôde lutar na guerra, manteve-se neutra, mas mesmo assim sofreu seus efeitos, como inflação e desemprego. Acima de tudo, o país ainda enfrentava um significativo atraso industrial. Nesse contexto caótico, movimentos radicais floresceram na sociedade civil, incluindo anarquistas, comunistas e nacionalistas, particularmente na Catalunha e no País Basco.

A Espanha não entrou na Grande Guerra como beligerante, mas a tensão da guerra chegou ao país por meio da mobilização popular, das demandas da guerra colonial no Marrocos e da virulenta "guerra de palavras" em apoio a um ou outro dos combatentes europeus, como demonstrado pelos conflitos de 1917 e pelo agudo conflito sociopolítico do período imediatamente posterior à guerra. (García, 2016, p. 44. Tradução nossa.)

Como resultado da última Guerra Carlista, estabeleceu-se uma monarquia constitucional, com o retorno de Afonso XII ao poder. Tentando equilibrar os dois lados, ele optou por uma alternância de poder entre Conservadores e Liberais no cargo de Primeiro-Ministro. No entanto, essa decisão não foi tomada em consulta com o povo. “O final do século testemunhou uma multiplicação de sinais de descontentamento contra as fragilidades econômicas e os fracassos políticos do governo central” (Vilar, 1986, p. 05. Tradução nossa).

Basicamente, o problema espanhol era Igreja, Terra e Coroa. A Igreja Católica, que ainda exercia considerável influência, dificultava a modernização política do país e defendia os grandes

¹ Paraguai (1811), Argentina (1816), Chile (1818), Colômbia (1819), Peru (1821), Venezuela (1821), Equador (1822) e Bolívia (1825).

² O reino da Guatemala, que constituía a América Central, transformou-se em Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicaragua e Panamá em 15 de setembro de 1821.

³ O desastre de 1898: A Espanha perdeu Cuba, Guam, Porto Rico e Filipinas.

⁴ As Ilhas Marianas do Norte, as Ilhas Carolinas e Palau.

⁵ Guiné Equatorial, Saara Espanhol, a ilha de Ifni e as Praças de Soberanía, pequenas possessões costeiras e insulares no Norte de África: Ceuta e Melilla (ainda pertencentes a Espanha), Peñón de Vélez de la Gomera e Peñón de Alhucemas.

⁶ A primeira guerra carlista ocorreu de 1833 a 1839, a segunda de 1846 a 1849 e a terceira de 1872 a 1876.

latifundiários, que, por sua vez, impediam a reforma agrária e a modernização, exacerbando a pobreza e a fome. A monarquia, por outro lado, não conseguia equilibrar os interesses da elite com as necessidades do povo, que constantemente aderiu a greves e protestos.

É preciso mencionar também a crise do protetorado de Marrocos (1911-1927), onde as tribos berberes resistiram à colonização espanhola, humilhando os colonizadores na batalha de *Annual*⁷. Ao longo desse período, amplos setores da sociedade discordavam do governo e buscavam reformá-lo.

A ditadura de Primo Rivera 1923 a 1930

Os primeiros a reformá-lo foram os militares, ainda ressentidos com a derrota em Marrocos. O general Miguel Primo de Rivera liderou o golpe de Estado em 13 de setembro e, em 15 de setembro de 1923, ocorreu o Pronunciamento⁸, com o apoio de parte do exército e também com a inação do rei Afonso XIII, favorecendo o golpe até apoiá-lo posteriormente.

Foi então que os equilíbrios relativos que haviam preservado a estabilidade da monarquia liberal-parlamentar, restaurada em 1874 e minada pelo desastre colonial de 1898, foram definitivamente rompidos. A partir desse momento, alternativas políticas análogas às do resto da Europa, baseadas em suas próprias tradições, começaram a tomar forma: um monarquismo católico cada vez mais autoritário, antiparlamentar e ultranacionalista que sustentaria a ditadura militar do General Miguel Primo de Rivera entre 1923 e 1930. (García, 2016, p. 44. Tradução nossa.)

Seu governo era bastante autoritário, com a suspensão de partidos políticos, censura, controle da imprensa e violenta repressão aos separatistas no País Basco e na Catalunha. Em relação ao Marrocos, apesar de algumas vitórias, a guerra foi bastante impopular. A situação foi agravada pela crise de 1929⁹. Sem o apoio das elites, incluindo os militares, a ditadura se enfraqueceu.

Ao mesmo tempo, a esquerda se uniu, tentando derrubar a monarquia. Isso não aconteceu, mas conseguiu unir os movimentos radicais espanhóis em torno de um objetivo comum, resultando no que ficou conhecido como o "*Pacto de San Sebastián*". Esse pacto teria consequências significativas para as eleições de 1931 e para as alianças de esquerda durante a guerra.

Em janeiro de 1930, Primo de Rivera renunciou perante Afonso XIII, que se viu tentado a manter o regime autoritário, mas, com a monarquia também em crise,

⁷ Desastre de Annual aconteceu entre 21 de julho e 9 de agosto, no norte de Marrocos, quase 10.000 espanhóis foram mortos durante uma fuga desorganizada e humilhante.

⁸ Primo de Rivera justifica o golpe como necessário para restaurar a ordem política e econômica do país.

⁹ Conhecida como a Grande Depressão, foi o colapso da bolsa de valores de Nova York, com impacto em todo o mundo.

acabou por ceder a 14 de abril de 1931, fugindo do país, no mesmo dia em que surgiu a Segunda República Espanhola. (García, 2016, p. 48. Tradução nossa.)

A segunda república espanhola de 1931 a 1936

Estabeleceu-se na Espanha uma segunda república — a primeira foi de 1873 a 1874 —, e foram realizadas eleições para a assembleia constituinte encarregada de criar uma nova constituição, concluída em 9 de dezembro de 1931¹⁰. O país iniciou a secularização do Estado, reformas educacionais e trabalhistas e tentativas de reforma agrária.

A crise de 1929 foi sentida com mais intensidade na Espanha entre 1931 a 1933, com o governo incapaz de amenizá-la. Movimentos radicais, como anarquistas e sindicalistas, tornaram-se mais agressivos, com greves gerais ocorrendo em diferentes regiões do país, mas principalmente na Andaluzia, Aragão e Catalunha.

Entre os anarquistas destacam-se Buenaventura Durruti e Francisco Ascaso, líderes da Confederação Nacional do Trabalho (CNT). Entre os comunistas estavam o Partido Comunista Espanhol (PCE), fundado em 1921, com seu secretário-geral José Díaz e Andrei Znadov, um líder soviético com considerável influência nas decisões do partido, e o Partido Operário de Unificação Marxista (POUM) — e totalmente críticos ao governo de Stalin, atraindo figuras como George Orwell¹¹ e Leon Trotsky¹²—, liderado por Andreu Nin.

A direita se une através da Confederação Espanhola de Direitas Autônomas (CEDA), o partido fascista da Falange Espanhola¹³ é criado, ambos em 1933. Entre os católicos, destacou-se o arcebispo Isidro Gomá y Tomás, que exerceu papel central no apoio e na legitimação religiosa do franquismo durante a Guerra Civil Espanhola.

Nesse caos político e, apesar dos diversos interesses concorrentes, emergiram dois grupos antagônicos: Os Nacionalistas que constituíam uma coalizão de militares, católicos, conservadores, tradicionalistas e monarquistas, de orientação autoritária e antiliberal. E a Frente Popular, por sua vez, reunia republicanos, liberais de esquerda, socialistas, comunistas moscovitas, contando ainda com o apoio individual de anarquistas, que não integravam formalmente a coalizão.

¹⁰ O sexto presidente da Espanha, estabeleceu uma república democrática, separou Igreja e Estado, permitiu maior autonomia para as regiões, sufrágio universal e o direito ao voto, à educação e ao trabalho para as mulheres.

¹¹ George Orwell (1903 – 1950) foi grande crítico de Stalin, descreve sua experiência e visão política na obra *Lutando na Espanha* (*Homage to Catalonia*).

¹² Leon Trotsky (1879 – 1940) foi forte opositor político de Stalin, terá grandes atritos com o POUM desde a fundação do partido em 1935.

¹³ Criado por José Antonio Primo de Rivera, filho do ditador Primo de Rivera. O partido defendia uma ideologia nacionalista, católica e autoritária.

Tabela 1: Aliados nas eleições

FRENTE POPULAR	ACRÔNIMO	IDEOLOGIA
Confederação Nacional do Trabalho	CNT	Anarquista
Esquerda Republicana	REPUBLICANOS	Liberal
Partido Comunista Espanhol	PCE	Moscovita
Partido Operário de Unificação Marxista	POUM	Anti-Stalin
Partido Socialista Operário Espanhol	PSOE	Socialista
NACIONALISTAS	ACRÔNIMO	IDEOLOGIA
Monarquistas por Carlos Borbón	CARLISTAS	Monarquista
Falange Espanhola	FALANGE	Fascista
Igreja Católica Romana	ICR	Católica
Monarquistas por Alfonso XIII	MONARQUISTAS	Monarquista

Fonte: Criado pelo autor.

De fato, a posição oficial das organizações anarquistas (CNT e FAI) era diametralmente oposta a qualquer apoio eleitoral. Como declarado pelo comitê nacional da CNT em manifesto: “Deem-se por respondidos aqueles que ingenuamente sonharam com nosso auxílio direto na reposição da farsa eleitoral” (CNT, 1936 apud Villa García, 2014, p.184)

Com profundas divisões em todos os setores, a esquerda venceu com 47,1% dos votos contra 45,6% da direita em 16 de janeiro de 1936. O novo governo, liderado por Manuel Azaña (Republicanos), continuou a modernização do país, o que preocupou os conservadores. Enquanto isso, os militares em Marrocos começaram a planejar um golpe de Estado.

O país estava dividido, o que levou a novas eleições em fevereiro de 1936, nas quais a esquerda conseguiu 47,1% e a direita 45,6%. Foi constituído o governo da “Frente Popular” com todos os ministros filiados à esquerda. O novo governo afastou de cargos em Madri vários generais antirrepublicanos: Franco para as Canárias, Mola para Navarra, Godea para as Baleares, e deixou outros sem comando. Em consequência, em março, dez generais reuniram-se em Madri e acordaram organizar uma rebelião militar para derrubar o governo da Frente Popular. Assim, desde o final de abril o General Emilio Mola assumiu a liderança do grupo, com Quartel-General (QG) em Pamplona, e passou a emitir instruções para o golpe (Soares, 2021, p. 56.).

Desde o início da guerra é possível apontar duas dificuldades da Frente Popular. 1) A primeira foi a divisão política e militar que se agravou durante a guerra. Além dos atritos ideológicos, havia divergências básicas sobre como conduzir a guerra. Por exemplo, os anarquistas se adaptaram ao sistema de milícias autogeridas¹⁴, enquanto o PCE defendia estruturas mais hierárquicas e tradicionais. Além disso, o PCE tentava centralizar a Frente Popular sob seu comando, afastando seus opositores, essencialmente os anarquistas, e os marxistas dissidentes

¹⁴ Com estruturas horizontais e descentralizadas.

ligados ao POUM. A unidade representada pelo "*Pacto de San Sebastián*" não existia no campo militar.

2) A segunda dificuldade para a Frente Popular era a experiência inimiga. O exército franquista era composto por veteranos da campanha marroquina, sendo o próprio General Francisco Franco exemplo disso (Soares, 2021, p. 58). Demonstrado na Imagem 1. Enquanto a República, com seus soldados relativamente inexperientes da Península Ibérica, também contava com civis inexperientes. Isso não foi um fator decisivo, mas certamente representou uma desvantagem adicional.

No início do período do Protetorado ocorriam frequentes combates com facções nacionalistas marroquinas, por isso as unidades militares ali baseadas constituíam a mais experimentada tropa do Exército; os militares com tempo de serviço no Marrocos fizeram carreiras mais rápidas do que as de seus colegas na Península Ibérica. (Soares, 2021, p. 58.)

“Dentro do campo nacionalista, havia quase tantas possibilidades de divisão quanto entre os republicanos. A demora em alcançar a vitória e as constantes decepções proporcionaram muitas oportunidades para o colapso da aliança nacionalista.” (Thomas, 1961, p. 1137. Tradução nossa.) Os nacionalistas não eram unânimes em seu ideal, entretanto, a ideia de restaurar a monarquia por meio do uso do exército e pôr fim à república e à secularização da Espanha era suficiente.

A Guerra civil 1936 a 1939

É interessante perceber que o movimento fascista espanhol não era novidade na Europa, mas seguiu o mesmo caminho da Alemanha de Adolf Hitler (1933-1945), da Itália de Benito Mussolini (1922-1943) e de Portugal de António de Oliveira Salazar (1924-1974). Essa **tríade autoritária** irá fornecer apoio decisivo aos insurgentes espanhóis, inaugurando a guerra por procuração, característica principal dos conflitos durante a guerra fria e início do século XXI.

Nesse sentido, a revolta militar contra a ordem democrática da Segunda República Espanhola pode ser vista como equivalente aos golpes de Estado fascistas que se seguiram à ascensão ao poder de Mussolini na Itália (1922) e de Hitler na Alemanha (1933), também com o objetivo de interromper processos semelhantes de mudança social, política e cultural (Graham, 2013, p.11).

“Em 14 de julho de 1936, mas declarada pelo General Mola em 18 de julho” (Soares, 2021, p. 58.) o golpe começou, a princípio, a república possuía uma ligeira vantagem que foi perdida rapidamente devido ao crédito obtido pelos aliados fascistas — Alemanha, Itália e Portugal — e uma gestão disciplinada dos recursos (García, 2013, p. 107).

Na prática, o governo legítimo controlava 21 capitais provinciais, contra 29 dos rebeldes; 270.000 km² contra 230.000 km²; e 14 milhões de habitantes contra 10,5 milhões. As zonas industriais e a maior parte dos recursos minerais localizavam-se em território controlado pelo governo, que também possuía recursos agrícolas (vinhedos, frutas cítricas, arroz), mas as principais regiões produtoras de grãos permaneceram na área controlada pelos rebeldes. Contudo, foi apenas na segunda metade da guerra que a proporção geral entre a produção de alimentos e a população se tornou catastrófica para o interior da República. (Villar, 1986, p.18. Tradução nossa.)

Entretanto, em 3 de junho de 1937, o General Emilio Mola Vidal faleceu (Correo de Mallorca, 1937). Assim como José Sanjurjo y Sacanell — falecido em 20 de julho de 1936 — (Correo de Mallorca, 1936), em um acidente aéreo, tendo Francisco Franco como sucessor. Embora essas circunstâncias tenham alimentado suspeitas posteriores, a historiografia não apresenta provas conclusivas de seu envolvimento direto nesses episódios.

O movimento das tropas rebeldes

Figura 1: Mapa da guerra civil espanhola.



Fonte: Criado com mapchart.net. Modificado com canva.com. Criado pelo autor em 25 dez. de 2024.

Com a ajuda dos alemães e italianos, os insurgentes conquistaram as cidades de Melilla¹⁵ e Ceuta¹⁶, ambas na África. Posteriormente, romperam o bloqueio naval republicano e dirigiram-se à Península Ibérica, onde desembarcaram em duas frentes. Uma em Algeciras, no Sul, em 1936, de

¹⁵ Conquistado em 17 de julho de 1936.

¹⁶ Conquistado em 18 de julho de 1936.

onde se expandiram para a província de Sevilha, e outra no Norte, em 1937, nas cidades de Santander¹⁷ e Gijón¹⁸ onde os nacionalistas tinham mais apoio da população conservadora.

No entanto, em 27 de março de 1937, as duas frentes se encontraram na cidade de Valladolid, após a captura de Santander. Nesse momento, as tropas de Franco controlavam todo o flanco esquerdo do país, com apoio salazarista ao longo da fronteira com Portugal, auxílio nazista vindo do Norte e apoio fascista do sul. Marchavam agora para conquistar Madri, que estava sitiada desde julho de 1936.

Até então, Madri havia sido intensamente bombardeada e atacada, mas as Brigadas Internacionais conseguiram resistir com a convicção: “*¡No pasarán!*” — e de fato não passaram, transferindo seus esforços para a região da Catalunha, com o objetivo de conquistar a importantíssima cidade de Barcelona. Ambas as batalhas foram difíceis, mas a Catalunha caiu em 26 de janeiro de 1939, com a simbólica Batalha do Rio Ebro. Madri foi conquistada em 28 de março de 1939.

Em 1º de abril de 1939, o líder Francisco Franco fez seu discurso de vitória. “Pode-se acrescentar que a Igreja Católica assumiu uma função legitimadora dentro do regime, desde o seu princípio. O papa Pio XII, no próprio dia 1º de abril de 1939, remeteu um telegrama a Franco, enviando sua benção apostólica.” (Veleda, 1994, p.10.)

Os nacionalistas avançam em direção à Cartagena, onde se encontram os últimos defensores da Segunda República Espanhola. Após a pressão na Catalunha, as Brigadas Internacionais são derrotadas em outubro de 1938; muitos fogem para a França, os capturados são mortos.

Todo esse período foi marcado pelo Terror Branco. Uma repressão violenta e cruel foi desencadeada contra apoiador, simpatizante ou integrante da República. Sem julgamento formal, eles eram torturados e mortos. A Igreja Católica desempenhou um papel significativo no Terror Branco como meio de manter a ordem e o moral. A República também havia implementado o Terror Vermelho, eliminando franquistas e traidores, mas com foco particular em católicos e membros da Igreja, como padres, freiras e bispos.

O regozijo popular logo deu lugar às prisões e fuzilamentos sumários dos “inimigos internos”, termo utilizado por Francisco Franco, em seu discurso de 3 de abril de 1939, no qual conclama: “Espanhóis, alerta! Espanha segue em guerra contra todo inimigo do interior e do exterior”. A propaganda utilizada de forma unilateral pelos vencedores contra los rojos revestiu-se de atitudes revanchistas, que incluíam a delação de qualquer desafeto como republicano; filhos de rojos não

¹⁷ Conquistado em 26 de agosto de 1937.

¹⁸ Conquistado em 21 de outubro de 1937.

podiam estudar; as mulheres de los rojos tinham os cabelos raspados nas praças dos pueblos (situação semelhante à observada na França após a derrota nazista). (Veleda, 1994, p. 8 – 9.)

A neutralidade favorável e a ajuda alemã, italiana e portuguesa

França e Inglaterra defenderam a não intervenção no conflito. Provavelmente, pretendiam não provocar a Alemanha nazista, acreditando que logo se voltaria contra a URSS, seu principal inimigo — o comunismo — mas o resultado foi o oposto.

Conforme a guerra se desenrolava, pode-se testemunhar como a Alemanha de Hitler essencialmente salvou a Espanha de Franco militar, política, diplomática e financeiramente, tudo com a ajuda da Itália de Mussolini e de Portugal de Salazar. Enquanto isso, a URSS e a República enfrentavam todo tipo de bloqueios e dificuldades sob o pretexto de não intensificar o conflito na Europa.

Os quatro meios de auxílio fornecidos pelo regime nazista a Francisco Franco foram os seguintes: envio de equipamentos militares; destacamento de soldados; apoio diplomático; e assistência financeira. O envio de equipamentos militares pelo governo nazista foi contínuo. O apoio diplomático foi importante, pois foi uma das medidas que impediram a França de auxiliar a República e alertaram os países europeus sobre o envolvimento de Hitler na Guerra Civil Espanhola. O apoio financeiro aos nacionalistas foi crucial porque ajudou a evitar o colapso do sistema econômico nacionalista. (Sousa, 2022, p. 182.)

O que mais chama a atenção é que essa neutralidade era muito mais cobrada da URSS do que nos países fascistas. Enquanto pequenas ofertas de ajuda soviética eram rejeitadas, a assistência crucial dos fascistas era ignorada. Por exemplo, foi com a ajuda alemã e italiana que as tropas no Marrocos desembarcaram na Espanha entre 17 e 18 de julho de 1936.

Por isso, Franco enviou emissários a Roma; eles entrevistaram-se com Mussolini no dia 22 e, no dia 27, doze aviões bombardeiros italianos chegaram ao Marrocos. Eles neutralizaram os navios da Marinha espanhola obedientes ao governo da República que tentavam bloquear o Estreito de Gibraltar para impedir que navios com tropas cruzassem o Estreito. Outros emissários de Franco encontraram-se com Hitler no dia 25, o que acarretou o pronto envio de vinte aviões de transporte alemães ao Marrocos, aumentando a quantidade de tropas levadas à Península. Desde então, nos três meses seguintes, os sublevados receberam regularmente, da Alemanha e da Itália, armamento, munições, peças de artilharia e quinhentas toneladas de petrechos diversos. (Soares, 2021, p. 58.)

Outro exemplo foi a Legião Condor, uma força aérea alemã cuja missão era apoiar as tropas de Franco em terra, e que operou durante a maior parte do conflito. Com a vitória de Franco, a Legião Condor foi usada para propaganda nazista. A Itália também ajudou com a sua *Aviazione Legionaria*. Também pode-se falar sobre o número de soldados enviados: os soviéticos, com grande

dificuldade, enviaram aproximadamente 2.000 soldados e 35.000 voluntários das Brigadas Internacionais; os alemães enviaram 18.000 soldados; e a Itália, 73.000 soldados.

A mesma disparidade no apoio pode ser vista em outros fatores, como veículos blindados, artilharia e aeronaves. Então, por que a pressão francesa e britânica não foi tão forte quanto foi para a URSS? O principal inimigo eram os comunistas, então, quando o fascismo surgiu como uma forma de combatê-los, ajudá-los pareceu muito melhor, mesmo que eles também fossem inimigos, algo como: "que lutem entre si, e lutaremos contra quem quer que vença".

Tabela 2. Comparação de suporte

Suporte	Alemanha	Itália	Portugal	URSS	Brigadas
Soldados	18.000	73.000	20.000	2.064	35 a 60.000
Blindados	200	157	10	120	-
Artilharia	1.000	801	-	1.555	-
Aviões	600	759	40	806	320

Fonte: Criado pelo autor baseando-se em Sousa (2022), Isquierdo (2022), Thomas (1961) e Valeta (2001).

Isso se torna mais provável no caso de 28 de janeiro de 1939. No final da guerra, os comunistas enviaram uma grande quantidade de ajuda destinada à Catalunha, mas a França a bloqueou, "assustada com a escalada do conflito", declarou o governo. Mas isso não mudou o curso da história.

Até 28 de janeiro de 1939, dia em que os embarques foram interrompidos, três peças de artilharia, 2.772 metralhadoras, 35.000 fuzis, milhões de cartuchos e 30 aeronaves Chato [I-15] desmontadas chegaram aos portos franceses. Praticamente todo esse material não chegou à Segunda República devido às dificuldades enfrentadas pelo governo francês com as fronteiras. (Valeta, 2001, p. 43. Interpolação do autor.)

Outro país que auxiliou os rebeldes, embora em menor escala, foi Portugal. Seu apoio foi crucial, a ponto de o plano de Franco ser conquistar primeiro a fronteira com Portugal para encurralar os republicanos do outro lado, garantindo assim mais assistência.

O governo Salazar ofereceu assistência crucial ao facilitar a aquisição e o transporte de suprimentos via Portugal. Embora Portugal não pudesse fornecer armas, permitiu o uso de seu território para que outras nações pudessem fornecer os materiais necessários. Foi lá que chegaram os primeiros aviões, dos quais Burgos não possuía, após acordos feitos antes do início da insurreição. (De Las Heras, 1992, p. 275. Tradução nossa.)

Embora Portugal tivesse se comprometido com a neutralidade em troca de garantias da Inglaterra, como a adesão da Rússia ao Tratado de Não Intervenção, a manutenção da aliança

anglo-portuguesa (tão importante para a segurança das colônias portuguesas) e a garantia da neutralidade da região de Tânger¹⁹, o país não se manteve tão neutro quanto prometido.

"Há três pontos que o governo português exige que sejam esclarecidos antes de assumir qualquer compromisso internacional: a adesão da Rússia ao Tratado de Não Intervenção, a garantia da Inglaterra de proteção dos interesses portugueses e a neutralidade da região de Tânger." (DE LAS HERAS. 1992. P. 278. Tradução nossa.) Assim, 3) a política de neutralidade, extremamente favorável aos franquistas, é apresentada como a razão mais determinante para a derrota da República.

Essa ideia era incompatível com o princípio de neutralidade adotado pela Grã-Bretanha em relação ao conflito espanhol. Essa neutralidade talvez devesse ser chamada de "neutralidade tácita ou benevolente", devido à sua simpatia pelas ações do lado insurgente. No entanto, como declarou o embaixador espanhol em Paris, o que essa "neutralidade tácita" implicava para a República, "[...] longe de estar de acordo com o princípio da não intervenção, constituía uma intervenção muito eficaz nos assuntos internos espanhóis." (Isquierdo, 2022, p. 19 – 20. Tradução nossa.)

A visão de Stalin para Espanha

Trotsky caracterizou a política soviética na Espanha como antirrevolucionária, afirmando que "Do ponto de vista teórico, o mais surpreendente na política espanhola de Stalin é o completo desrespeito ao ABC do leninismo" (Trotsky, 1937, tradução nossa). Em seu texto *The Lessons of Spain: The Last Warning* (1937), ele retrata Stalin como principal responsável pela vitória franquista. Mas qual a visão de Stalin para a Espanha? A resposta encontra-se na própria orientação que Stalin forneceu aos republicanos, como na carta que enviou a Francisco Largo Caballero em 21 de dezembro de 1936, na qual escreveu:

A revolução espanhola está seguindo um caminho, em muitos aspectos, diferente daquele trilhado pela Rússia. Isso se deve às diferentes condições sociais, históricas e geográficas, bem como à distinta conjuntura internacional que a Rússia teve de enfrentar. É bem possível que, na Espanha, o sistema parlamentar se mostre mais adequado ao desenvolvimento revolucionário do que o foi na Rússia. (Stalin; Molotov apud VV.AA., 1967, p. 105. Tradução nossa.)

Stalin temia a ascensão fascista internacional ao mesmo tempo em que receava uma intervenção francesa e britânica na Espanha contra a República. Seu movimento, aparentemente muito mais estratégico e menos revolucionário, indica a pretensão de deixar a revolução comunista espanhola para depois da derrota do fascismo, quando os **“inimigos da Espanha”** — termo

¹⁹ A área estratégica, e não o Estreito de Gibraltar, foi internacionalizada de 1923 a 1956 para garantir o tráfego marítimo internacional.

usado na carta para se referir a Inglaterra e França — poderiam se tornar inimigos declarados da URSS. Segue na carta:

Os líderes do Partido Republicano não devem ser repelidos, mas, pelo contrário, devem ser atraídos, aproximados e associados ao exercício comum do governo. É especialmente importante que o governo assegure o apoio de Azaña e do seu grupo e que tudo seja feito para ajudá-los a superar a sua hesitação. Isto é necessário para impedir que os inimigos de Espanha a considerem uma república comunista e para evitar a sua intervenção, que constituiria o maior perigo para a República Espanhola. (Stalin; Molotov apud VV.AA., 1967, p. 106. Tradução nossa.).

Como analisado pelo britânico Edward Hallett Carr — crítico político, diplomata e historiador — Stalin seguiu a política de não intervenção dos “inimigos da Espanha”.

Quando, em dezembro de 1936, o governo espanhol, para desgosto dos governos britânico e francês, insistiu em apelar formalmente ao Conselho da Liga das Nações, nos termos do artigo 11 do Conselho, contra a intervenção armada da Alemanha e da Itália na Guerra Civil Espanhola, Litvinov não compareceu à sessão. A URSS, assim como a Grã-Bretanha e a França, foi representada por um diplomata de segunda categoria, privando a sessão de qualquer grande significado político; e uma resolução branda foi adotada, referindo-se favoravelmente aos esforços do comitê de não intervenção. A diplomacia soviética seguiu o curso estabelecido pelo IKKI de não fazer nada que pudesse antagonizar aqueles cujo apoio era necessário para repelir o agressor fascista. (Carr, 1984, p. 28. Tradução nossa)

Segundo Trotsky: “Stalin travou uma guerra contra o “trotskismo” (revolução proletária), destruindo a democracia pelas medidas bonapartistas da GPU.” (Trotsky, 1937, tradução nossa). Enquanto na verdade, ao impedir a caracterização da guerra civil em uma revolução comunista, a URSS evitava uma intervenção britânica e francesa na Espanha, conseqüentemente a união deles à tríade autoritária. Um verdadeiro malabarismo político feito por Stalin.

A ajuda soviética

Com o apoio dos governos fascistas aos insurgentes e a neutralidade favorável da França e da Inglaterra, os republicanos teriam sido completamente esmagados se não fosse a União Soviética, apesar de sua ajuda controversa. Para começar, houve o caso do “Ouro de Moscou”, que foi o pagamento antecipado em ouro aos soviéticos pela ajuda militar aos republicanos.

O governo da República financiou a guerra com as reservas de ouro do Banco da Espanha, sendo 510 toneladas enviadas à URSS e 174 toneladas vendidas ao Banco da França. Os nacionalistas obtiveram créditos da Itália e da Alemanha, pagando-os em parte com a exportação de alimentos e minerais; a Texaco e a Shell venderam-lhes derivados de petróleo a crédito durante todo o conflito. (Soares, 2021, p. 61.)

Por outro lado, como poderia ajudar a república se ela também tinha a sua própria guerra para travar? A URSS não estava totalmente industrializada e lutava contra inimigos internos. E ficava do outro lado da Eurásia. O bloqueio aéreo e marítimo do Mar Mediterrâneo imposto pelos nazistas e fascistas ainda estava em vigor, principalmente em Valência e Barcelona, onde chegava grande parte dos suprimentos. (Ver figura 1)

Naquela época, a União Soviética não era uma grande potência militar. Apesar de suas vastas reservas de território e mão de obra, sua produção industrial militar era insuficiente para cumprir todos os seus compromissos defensivos no Leste (contra um Japão em guerra com a China e a Mongólia) e no Oeste (contra uma Alemanha revisionista). O país concentrou seus esforços na fabricação de aeronaves em detrimento da marinha e da infantaria. Além disso, a eficácia operacional do Exército Vermelho era prejudicada por expurgos frequentes no comando militar. (García, 2016, p. 233 – 234. Tradução nossa.)

Dada a diferença absurda no apoio da tríade (Ver tabela 2), com a pressão dos “inimigos da Espanha” e com a dificuldade militar em se proteger na Frente Ocidental e Oriental, ao mesmo tempo que seria necessário apoiar a república do outro lado da Europa, talvez fosse compreensível a cautela — possivelmente excessiva — de Stalin em interferir no conflito, buscando manter a ideia da Frente Popular, ou seja, da luta da república contra o fascismo.

Como relatado na carta de 21 de dezembro de 1936: “É bem possível que, na Espanha, o sistema parlamentar se mostre mais adequado ao desenvolvimento revolucionário do que o foi na Rússia.” (Stalin; Molotov apud VV.AA., 1967, p. 105. Tradução nossa.). Mesmo que temporariamente, uma vez que Stalin não visava a defesa do parlamento, demonstrando que ainda se mantinha fiel ao seu caráter revolucionário. Como escrito em outra carta em 12 de janeiro de 1937: “Mas, em resposta à sua outra observação, talvez seja preciso afirmar que, seja qual for o futuro da forma parlamentar, ela não possui, entre nós, nem mesmo entre os republicanos, defensores entusiastas.” (Stalin; Molotov apud VV.AA., 1967, p. 107. Tradução nossa.).

Para tentar resolver essas limitações, os soviéticos iniciaram um programa de brigadas internacionais que obteve 35.000 voluntários para a guerra, mas um pequeno número deles tinham alguma experiência em combate, as brigadas também apresentavam problemas básicos como o idioma de cada voluntário, além de questões nacionalistas entre os brigadistas, o que tornou necessário criar grupos do mesmo país.

Em alguns casos, por vezes o caráter nacional parecia sobrepor-se ao antifascismo. Parece ser o caso dos irlandeses, por exemplo, já que boa parte deles era veterano do Irish Republican Army (IRA) durante a Guerra Civil de 1916 e estes mantiveram certa hostilidade frente aos seus atuais colegas ingleses, contra quem haviam se enfrentado no passado. A celeuma ocorreu na medida em que os irlandeses haviam sido alocados no mesmo Batalhão que os ingleses, os quais pareciam demonstrar ares de superioridade. Esta intolerância por parte de ambos

os grupos causou desentendimentos e distúrbios da ordem interna. (Fernández, 2013, p. 45.)

Disso também se pode concluir que as deficiências das brigadas internacionais, como seu pequeno número, falta de unidade e treinamento, contribuíram para a derrota republicana, 4) não sendo um fator decisivo, mas contribuindo para a derrota e não podendo contrabalancear as tropas fascistas mais experientes.

A superioridade aérea dos nazistas

Com todas as tensões na Europa, uma guerra na Espanha envolvendo comunistas, fascistas e as potências tradicionais — todas as rivalidades possíveis — representava um teste, a vitória na Espanha poderia ser vista como um prelúdio de vitória na Europa.

A Espanha passou a ser o local em que outros países testaram suas mais novas tecnologias bélicas. Além disso, o conflito revelou o que poderia significar uma guerra em solo europeu, um presságio dos conflitos depuradores, genocidas e punitivos das muitas outras guerras civis que explodiram no continente entre 1939 e o final dos anos 40. (Graham, 2013, p. 08.)

E para esse teste, a maior contribuição alemã foi a *blitzkrieg* (Guerra relâmpago)²⁰, uma estratégia que consistia em ataques coordenados e rápidos via rádio, com aviões e tanques na linha de frente seguidos pela infantaria.

As lições da Primeira Guerra Mundial foram assimiladas, mas, assim como nas conclusões paralelas no exército, os especialistas alemães não presumiram que a próxima guerra seria como o conflito de 1914-18, um impasse baseado na guerra de trincheiras, mas sim uma guerra de movimento, blitzkrieg ou “guerra relâmpago”, na qual o poder aéreo teria um papel vital. Contudo, ao contrário da forte crença italiana na teoria de Giulio Douhet de que os bombardeiros, por si só, poderiam esmagar a vontade de resistência do inimigo destruindo suas principais cidades, a incipiente Luftwaffe debateu intensamente os papéis combinados que bombardeiros e caças desempenhariam na futura guerra aérea. (Alpert, 2019, p. 30. Tradução nossa.)

Essa estratégia, utilizada na Áustria (1938), na Tchecoslováquia (1938-1939) e na Polônia (1939), foi testada e aprimorada na Espanha (1936-1939). Os aviões eram a base de tudo. Os nazistas ajudaram com *Messerschmitt Bf 109*²¹ em 1937, muito melhor que o *I-15*²² e *I-16*²³ dos soviéticos. “A ação conjunta, na Batalha de Brunete [jul. 1937], dos dois tipos de “Messer”, marcou o início da mudança na superioridade tecnológica detida pelos “Moscos” [I-16].” (Sánchez, 2023.

²⁰ Tradução nossa.

²¹ Alcançava os 610 km/h, menos manobrável, mas com armas mais fortes.

²² Alcançava os 410 km/h, mais lento e com armas inferiores.

²³ Alcançava os 500 km/h, mais lento, porém, mais manobrável.

p. 19. Interpolação do autor.) e isso compensou a superioridade soviética em veículos blindados. T-26, BT-5 y BT-7 contra o *Panzer I* alemão.

Essa superioridade aérea foi percebida no bombardeio da cidade basca de Guernica em 26 de abril de 1937, com foco exclusivamente na população civil. O objetivo era bombardear civis para criar pânico. Este foi um dos piores crimes de guerra cometidos nesse conflito.

A Guerra Civil Espanhola também é um importante ponto de referência para novas técnicas militares, a ponto de muitos historiadores considerarem essa guerra um campo de testes para novos armamentos de países como Alemanha, Itália e a antiga União Soviética, que testaram suas novas armas e táticas nas diversas frentes espanholas. Um desses testes ocorreu em 26 de abril de 1937, em Guernica, cidade de grande importância histórica e símbolo do País Basco, onde a Legião Condor alemã, sob o comando de Wolfram von Richthofen, bombardeou a cidade, lançando toneladas de bombas de seus aviões Junkers, empregando pela primeira vez táticas de bombardeio em área. A cidade foi arrasada pelo fogo, e o número de mortos permanece desconhecido devido a estimativas variadas, que vão de algumas centenas a vários milhares. (Susperregui, 2012, p.131 – 132)

Inclusive Pablo Picasso²⁴ retratou essa crueldade em sua obra Guernica, de 1937, encomendada pelo governo republicano como forma de conscientizar a população sobre a causa espanhola. Contudo, embora seu objetivo não tenha sido alcançado, por não ter trazido mais ajuda à República, ele perpetuou o sofrimento e os horrores do povo durante a guerra e sua luta pela liberdade, expondo ao mundo os crimes do fascismo.

Figura 2: Guernica, 1937. Pablo Picasso



Fonte: Roberthuffstutter. **Disponível em:** <<https://openverse.org/image/687f706a-d983-449c-bf2c-5718fdcced33?q=guernica&p=2>> **Acesso em:** 11 jan. 2025.

Do ponto de vista político, Guernica está associada ao bombardeio e ao genocídio sofridos pela cidade após o ataque da Legião Condor e, finalmente, do ponto de

²⁴ Pablo Ruiz Picasso (1881 – 1973) foi um pintor, escultor, ceramista, cenógrafo, poeta e dramaturgo espanhol.

vista artístico ou cultural, Guernica é entendida como a pintura que Pablo Picasso criou em protesto contra o bombardeio. (Susperregui, 2012, p.156)

Outra batalha que demonstra a relevância da superioridade aérea e a inexperiência dos republicanos, foi a ofensiva de Aragão em março de 1938.

Começando com um bombardeio de artilharia às 5h30 da manhã de 9 de março, os quatro corpos de exército de Franco avançaram por Aragão, usando uma tática de blitzkrieg com tanques avançando sob a cobertura protetora de bombardeiros Heinkel-111 velozes que atacavam pontos fortes, reservas, depósitos e colunas de tropas a pé ou em caminhões. Esquadrões de He-51 voando baixo realizaram repetidos ataques rasantes à frente das tropas nacionalistas em avanço. Sem perder um único bombardeiro, as tropas nacionalistas em avanço destruíram seis divisões republicanas, que por vezes entraram em pânico e não puderam ser controladas por seus líderes mal treinados. (Alpert, 2019, p. 170. Tradução nossa.)

Mas a derrota final da República começou a se delinear na Batalha do Rio Ebro, também em 1938. Apesar de surpreenderem as forças nacionalistas e conseguirem cruzar o rio com sucesso em julho, os republicanos, já desgastados — especialmente na força aérea —, não conseguiram sustentar o avanço inicial.

A reação franquista, apoiada pela esmagadora superioridade aérea da Legião Condor alemã e da aviação italiana, transformou a batalha em um longo cerco ao bolsão republicano. Durante mais de três meses, as tropas do Ebro foram sistematicamente desgastadas pela artilharia e pelos constantes bombardeios, até serem obrigadas a recuar em novembro, marcando o colapso definitivo do exército republicano. (Alpert, 2019, p. 178)

Assim, a 5) proposta para a derrota da república foi a contribuição estratégica alemã. Embora os italianos tenham ajudado com mais soldados e aviões, (Ver tabela 2) chegando a transportar tropas marroquinas para a Península Ibérica, a estratégia de blitzkrieg e a superioridade aérea alemãs foram extremamente determinantes.

A Espanha depois da “Cruzada Nacional”

Chamada de "A Cruzada Nacional" pelos insurgentes cristãos desde que iniciou a guerra, "a cruzada" trouxe bons resultados para a Igreja Católica; nas décadas seguintes, a Igreja controlaria toda a educação na Espanha e seria responsável por grande parte do caráter ideológico do Estado.

A participação da Igreja Católica foi intensa na censura, controle educativo, repressão moral, causando uma confusão entre o âmbito religioso e o civil. Ela promoveu a anulação dos matrimônios civis realizados durante o período republicano e de Guerra Civil, anulando inclusive suas inscrições no Registro civil; anulou a secularização dos cemitérios; restabeleceu a remuneração por haveres eclesiásticos e a Igreja ficou livre de pagamentos de impostos territoriais; criou

assessorias religiosas em organizações falangistas, ministérios, centros de estudo, etc. (Veleda, 1994, p. 10.)

Para a população, a guerra custou a vida de cerca de 500.000 espanhóis, aproximadamente 90.000 nacionalistas, 300 alemães, 4.000 italianos e 110.000 republicanos. Estima-se que pelo menos 75.000 nacionalistas e 55.000 republicanos foram executados, incluindo execuções em campos de prisioneiros de guerra, nas linhas de frente ou por ordem judicial após 1936, com mais de 100.000 após a guerra. (Thomas, 1961).

Após a guerra, Franco manteve-se neutro na Segunda Guerra, pagando sua dívida apenas com soldados, mas frequentemente culpando Hitler. Ironicamente, Franco evitou o envolvimento total com o Eixo e utilizou a mesma neutralidade vantajosa que o havia ajudado.

Nessa primeira fase do regime, situada entre 1939 e 1945, e marcada pela Segunda Guerra Mundial, os aliados de Franco na Guerra Civil, Hitler e Mussolini, iniciaram um conflito armado, primeiramente circunscrito à Europa, mas que, a partir de 1941, adquiriu características mundiais. Francisco Franco foi obrigado a adequar sua política – tanto interior como exterior – às mudanças no equilíbrio de forças Europeias. A Espanha encontrava-se alquebrada econômica e moralmente após três anos de guerra e Franco preferiu uma política de apoio ideológico ao Eixo, mas sem uma participação bélica no conflito, optando pela “neutralidade”. (Veleda, 1994, p. 12.)

Sem o apoio da tríade autoritária, a Espanha franquista não sobreviveria ao pós-Segunda Guerra. A Espanha foi excluída das políticas americanas na Europa, como Plano *Marshall*²⁵ e das Nações Unidas (ONU), criada em 24 de outubro de 1945.

Mas tudo mudou na década de 1950 com a disputa pela hegemonia global entre os Estados Unidos e a URSS durante a Guerra Fria. “Essa aceitação esteve vinculada à posição estratégica do território espanhol, seu envolvimento com a causa anticomunista e mudanças em sua apresentação governamental.” (VELEDA. 1994. P. 17.) Os Estados Unidos mudaram sua política em relação a Franco, oferecendo concessões militares em troca de ajuda econômica e política, e assim os dois países se aproximaram na luta contra o comunismo.

A década de 1960 testemunhou um milagre econômico, com a modernização da economia e a abertura ao turismo. Mas, na década de 1970, ataques terroristas assolaram a Espanha, embora o governo tentasse projetar uma imagem de calma. A saúde de Franco deteriorou-se, forçando-o a afastar-se gradualmente do poder. O ditador, então com 82 anos, morreu em 20 de novembro de

²⁵ Plano para a reconstrução econômica da Europa com o objetivo de atrair aliados para o bloco capitalista.

1975²⁶. O príncipe Juan Carlos I de Bourbon sucedeu-o a 22 de novembro e foi decisivo para a transição para uma Espanha democrática.

Conclusões

Diante dos elementos discutidos, é possível sugerir, em ordem crescente de relevância, os fatores que contribuíram para o desfecho do conflito. Entre eles, destacam-se: (1) a neutralidade favorável adotada por França e Inglaterra; (2) o apoio externo da tríade autoritária, incluindo o emprego da *blitzkrieg* e a superioridade aérea alemã; (3) a experiência de combate dos soldados sob o comando de Franco, bem como a trajetória militar do próprio general; (4) as divisões políticas internas da Frente Popular; e (5) as limitações e a insuficiência das Brigadas Internacionais.

Embora tais fatores devam ser compreendidos de forma articulada, a neutralidade favorável das potências liberais e o apoio externo da tríade tendem a ser apontados pela historiografia como particularmente relevantes para a vitória nacionalista.

Essa posição britânica, que não se opunha totalmente à vitória dos rebeldes, teria uma influência significativa na França, onde uma forte influência britânica começou a se consolidar, explicando a mudança francesa para a não intervenção. Mussolini estava ciente de tudo isso (Isquierdo, 2022, p. 20. Tradução nossa.)

Talvez, militarmente, o ponto mais favorável aos nacionalistas tenha sido o bloqueio naval. Sem o apoio italiano, o desembarque dos insurgentes não teria ocorrido naquele momento, mas, com toda a experiência dos militares, teria ocorrido de outra forma – pois a república não teria chance de invadir o Marrocos e eliminar a ameaça ainda na África. Os próprios marroquinos — ainda compostos de povos diversos e parcialmente dominados pela França — venceram a batalha de *Annual*, mas foram derrotados no conjunto da guerra, impossibilitando uma nova tentativa naquele momento tão oportuno.

Mas praticamente, durante toda a guerra e em especial nas ofensivas de Aragão e do rio Ebro, a superioridade aérea franquista e a experiência de seus pilotos foram cruciais para a vitória insurgente. “As vantagens particulares em mergulho, curva e manobra geral dos caças adversários sempre contrastavam com a inexperiência e o treinamento mais curto da maioria dos pilotos republicanos e com a dificuldade de substituir as aeronaves perdidas.” (Alpert, 2019, p. 182. Tradução nossa.)

²⁶ Faleceu no hospital às 5:25 da manhã por parada cardíaca.

Sob Stalin, a URSS errou ao se submeter à França e à Inglaterra, mas qual seria a outra possibilidade? Uma revolução comunista plena resultaria — provavelmente, e de acordo com o próprio Stalin — na intervenção dos “inimigos da Espanha” e, possivelmente, na união com a tríade autoritária contra a URSS que não seria capaz de resistir.

As precauções de Stalin, foram necessárias para proteger o estado soviético — ainda pequeno e frágil — contribuindo para a aliança que se seguiria na segunda guerra (EUA, França, Inglaterra e URSS). Portanto, quando se analisam os vetores fundamentais do conflito — o apoio internacional, o contexto geopolítico e a capacidade militar inicial —, chega-se à conclusão austera de que a República sempre esteve condenada.

A tríade autoritária forneceu aos insurgentes os meios materiais e a legitimidade diplomática; a política de não intervenção das potências liberais garantiu o cerco estratégico à República; e a experiência de guerra colonial dos oficiais lhes deu uma máquina de combate profissional contra a qual as milícias populares, por mais heroicas, pouco puderam impedir. Um ponto de convergência com George Orwell: “O desfecho da guerra civil espanhola foi acertado em Londres, Paris, Roma, Berlim - em qualquer lugar, menos na Espanha.” (Orwell, 1938, p. 230)

O apoio soviético, ainda que crucial para prolongar a resistência por quase três anos, foi sempre insuficiente, distante e carregado de condicionalidades que fragmentaram profundamente o campo republicano. Mas tentar atribuir a culpa, ou grande parte dela, a Stalin é apenas uma historiografia destinada a absolver a França e a Inglaterra por sua política de combate ao comunismo. Pois, apesar de suas interferências para centralizar a Frente Popular, Stalin não foi responsável — exclusivamente — pela derrota republicana, segundo o próprio George Orwell:

Os milhares de estrangeiros que serviram na Espanha formavam boa infantaria, mas havia pouquíssimos técnicos de qualquer especialidade entre os mesmos. A tese trotskista de que a guerra poderia ter sido ganha se a revolução não fosse sabotada provavelmente era falsa. Nacionalizar as fábricas, demolir as igrejas e emitir manifestos revolucionários não seriam medidas capazes de tornar mais eficientes os exércitos. Os fascistas venceram porque eram mais fortes, dispunham de exércitos modernos, e os seus oponentes não. Nenhuma estratégia política poderia contrabalançar isso. (Orwell, 1938, p. 230)

A vitória franquista não foi um acidente na história, mas o resultado previsível de uma colossal assimetria de recursos que transformou a guerra civil espanhola no primeiro grande ensaio da ofensiva fascista que logo lançaria o mundo na Segunda Guerra Mundial.

Esse padrão, no entanto, não se repetiria em outros conflitos, como o que ocorreria no Vietnã, em 1975. Se na Guerra Civil Espanhola, em 1939, a superioridade financeira, militar e tecnológica assegurou a vitória, o Vietnã demonstraria que tudo isso não é uma garantia. Entre

Madrid e Saigon, o que muda não é a natureza desproporcional da guerra, mas a sinergia das forças no confronto. (AUTOR, 2024)

Referências

ALPERT, Michael. **Franco and the Condor Legion: The Spanish Civil War in the Air**. London: Bloomsbury Academic, 2019.

DE LAS HERAS, María Soledad Gómez et al. **Portugal ante la Guerra Civil española**. Espacio Tiempo y Forma. Serie V, Historia Contemporánea, n. 5, 1992.

SÁNCHEZ IZQUIERDO, David et al. **La intervención italiana en la Guerra Civil española (1936-1939)**. 2022.

SOBRENOME, Autor. **Lições de guerra: Vietnã contra França, EUA e China**. Revista Escrita da História, ano 2024, v. 11, n. 20, p. 133–157, 2024.

FERNÁNDEZ, Jorge C. **Nacionalismo, antifascismo e internacionalismo nas brigadas internacionais na guerra civil espanhola (1936 - 1939)**. Albuquerque: revista de história, v. 5. n. 9. 2013.

GARCÍA, Enrique Moradiellos. **La guerra civil española**. 2016. Primera edición. Ciudad del México. El colegio de México.

GARCÍA, Roberto Villa. **Obreros, no votéis. La CNT y el Frente Popular en las elecciones de 1936. Pasado y Memoria**. Revista de Historia Contemporánea, n. 13, p. 173-196, 2014.

GRAHAN, Helen. **Guerra civil espanhola**. Tradução de Vera Viera. 2013.

SÁNCHEZ, José Antônio Jaldo. **El armamento del bando nacional en la guerra civil española**. 2023.

SOARES, Aguinaldo Aldighiere. **A guerra civil espanhola (1936 – 1939)**. Revista do Clube Naval. V.04 N. 400. 2021.

SOUSA, António Pedro Vairinho Sobral de. **A vizinhança perturbadora: O papel fulcral de Portugal ea correspondência diplomática portuguesa na guerra civil espanhola**. 2022.

SUSPERREGUI, José Manuel. **Los iconos del bombardeo de Guernica y sus conflictos**. Revista Discursos fotograficos. v. 08 n. 12. 2012.

THOMAS, Hugh. **La guerra civil española**. 1961. 2º Edición revisada. 1977. Traducción Neri Daurella. Edición digital. 2018.

VALETA, Magí Crusells. **La URSS y la guerra civil española**. Servicio de publicações. 2001. P.39 – 93

VELEDA, Valentina Terescova. **A Espanha sob o regime franquista: do isolamento à aceitação internacional (1939–1953)**. POLÍTICA E CULTURA, p. 162, 1994.

VILAR, Pierre. **La guerra civil española**. 1986. P. 01 – 52.

VV.AA. 1967. **Guerra y revolución en España, 1936-1939: Tomo II**. Moscou: Editorial Progreso.

Referências eletrônicas

CARR, Edward Hallett. **The Comintern and the Spanish Civil War**. Edited by Tamara Deutscher. New York: Pantheon Books, 1984. XXIX, 111 p. ISBN 978-0394722634.

CORREO DE MALLORCA. "**Ha muerto en accidente de aviación el General Sanjurjo**". *Correo de Mallorca*, n. 8.555, Palma de Mallorca, 23 jul. 1936, p. 2. **Disponível em:** https://prensahistorica.mcu.es/es/publicaciones/numeros_por_mes.do?idPublicacion=1003577&anyo=1936. **Acesso em:** 7 fev. 2026.

CORREO DE MALLORCA. "**A consecuencia de un accidente de aviación, murió ayer el ilustre general D. Emilio Mola Vidal, Jefe del Ejército del Norte**". *Correo de Mallorca*, n. 8.526, Palma de Mallorca, 4 jun. 1937, p. 1. **Disponível em:** https://prensahistorica.mcu.es/es/publicaciones/numeros_por_mes.do?idPublicacion=1003577&anyo=1937. **Acesso em:** 7 fev. 2026.

Imagem 1: **Mapa da guerra civil espanhola**. Criado pelo autor. Criado com mapchart.net. Modificado com canva.com. Criado pelo autor em 25 dez. de 2024.

Imagem 2: **Guernica**, 1937. Roberthuffstutter. Pablo Picasso. **Disponível em:** <https://openverse.org/image/687f706a-d983-449c-bf2c-5718fdcccd33?q=guernica&p=2> **Acesso em:** 11 jan. 2025.

ORWELL, George. **Homage to Catalonia**. 1938. **Disponível em:** <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/naespanha.pdf> . **Acesso em:** 14 jan. 2026.

TROTSKY, Leon. **The Lessons of Spain: The Last Warning**. 1937. **Disponível em:** <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1937/xx/spain01.htm> . **Acesso em:** 18 jan. 2026.

